O Helenismo de Johann Gustav Droysen: conceito, contexto e crítica

Johann Gustav Droysen's Hellenism: concept, context and criticismo

Thiago do Amaral Biazotto[1]

Submetido em Fevereiro/ 2015
Aceito em Fevereiro/2015

RESUMO:
O objetivo deste artigo é esmiuçar o conceito de helenismo tal qual encontrado na obra *Geschichte Alexanders des Grossen*, lançada em 1833 pelo prussiano Johann Gustav Droysen (1808-1884). O classista foi responsável por dar a este conceito a conotação que hoje conhecemos, relacionada ao mundo de fala grega nascido das conquistas de Alexandre. Também será abordado o contexto político germânico no interior do qual Droysen arquitetou seus escritos.

Palavras-chave: Johann Gustav Droysen (1808-1884), Helenismo, Historiografia.

ABSTRACT:
This article aims to investigate the concept of Hellenism as is found in *Geschichte Alexanders des Grossen,* book released in 1833 by the Prussian Johann Gustav Droysen (1808-1884). Droysen was the responsible to give to the concept the sense that we know today, related to the Greek-speaking world born of the conquests of Alexander. The article also will cover the German political context in which Droysen devised his writings.

Key-words: Johann Gustav Droysen (1808-1884), Hellenism, Historiography.

[1] Graduado e mestrando em História pela Unicamp. Bolsista de mestrado Fapesp. Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. E-mail: thiago_a_b@yahoo.com.br.

Introdução

Das terras germânicas do século XIX, vinham alguns dos mais ilustrados pensadores do Ocidente: o idealismo de Hegel se encontrava e digladiava com o pessimismo de Schopenhauer. A doutrina política de Marx era contemporânea ao niilismo de Nietzsche. Isso sem mencionar as épicas óperas de Wagner. Entre toda a infinidade de temas que estudaram esses autores, a reflexão sobre os gregos, sua filosofia, sua história, seus mitos, aparece em lugar de destaque, talvez fruto de uma época em que, entre as nações europeias, era grande a crença nos helenos como uma classe superior em termos de excelência cultural (HAMMOND: 1948: 105). Nos estados Alemães, esses dados eram amplificados em muito: foi lá que a História Antiga iniciava sua consolidação como disciplina acadêmica, tendo como berço a Prússia e como matriarca a filologia clássica, colocada no estandarte de disciplina de maior mérito desde as reformas do ministro prussiano Wilhelm Von Humboldt (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2013: 1).

Envolto por indicadores tão expressivos a respeito da louvação da cultura grega, o prussiano Johann Gustav Droysen (1808 – 1884) publicou em 1833 *Geschichte Alexanders des Grossen,* obra responsável por inaugurar o termo "helenismo" na era moderna, dando a ele um conceito que extrapolava as conatações religiosas nas quais até então estava eivado. (MOMIGLIANO, 1994: 149). Ao traçar as linhas de seu alfarrábio, Droysen se encontrava em meio a encruzilhadas perversas: acossado entre a trajetória da Macedônia - que unificou e capitaneou as cidades gregas rumo à conquista de todos os rincões - e o desejo que tal se repetisse com a Prússia. Acuado entre sua ocupação como filólogo, historiador, professor e o despertar de sua vocação como político. Dividido entre a fixação de descrever a vida de Alexandre em moldes homéricos e a aspiração de que uma figura de igual majestade surgisse naqueles tempos, o germânico deu à luz a uma obra de proporções épicas, que segue como leitura basilar a todos aqueles que escolhem o mundo helenístico como objeto de estudo (CALDAS & SANTA'ANA, 2008: 91). É ela quem será a vedete neste artigo.

A vida e os estudos de Johann Gustav Droysen

Droysen nasceu em Treptow, na Pomerânia, a 6 de julho de 1808, filho de um capelão protestante. Ainda muito jovem, aprendeu grego e latim, conforme o modelo de educação vigente. Fazia das letras de Plutarco, Quinto Cúrcio e Tucídides suas mais figadais companheiras. Em 1826, ingressa na carreira de Filologia Clássica na Universidade de Berlin, tomando aulas de August Boeckh. Em 1829, Droysen fica órfão, mas, por intermédio de Boeckh, é acolhido por uma família de ricos banqueiros de Berlin, os Mendelssohn. Em seu seio, travou contado com alguns dos maiores luminares da ciência germânica, casos de Alexander Von Humboldt e Hegel, de quem passou a ser admirador confesso. Em 1831, Droysen termina seu doutorado e se empenha na tradução dos sete dramas de Ésquilo. Em 1833, enfim, lança sua História de Alexandre (SOUTHARD, 1994: 11).

Muitas são as referências que entremeiam suas páginas. A primeira vinha de suas convicções políticas. Droysen era fervoroso defensor da unificação alemã sob as austeras rédeas prussianas, chegando inclusive a exercer cargos políticos concomitantes às suas atuações como historiador e professor. Cabal também são as referências a Hegel. Ainda que decifrar os pensamentos do idealista alemão seja um desafio que assombre até os maiores bastiões do pensamento abstrato, Droysen teria absorvido de suas lições a noção de que a história não é uma sucessão retilínea de acontecimentos, mas uma sequência episódios interconectados, nos quais os anteriores nutrem os posteriores, formando um fluxo em que o sedimentar das tradições é a força motriz que leva ao progresso (AMORÓS, 1998/2000: 2).

A expressão deste progresso é a revelação progressiva da razão – entendida como nada menos que a Providência –, que, traduzida numa consciência de liberdade, leva povos e indivíduos rumo ao cumprimento dos desígnios divinos. Processo longo, laborioso, mas passível de ser catalisado por meio de figuras capazes de desvelar aos seus contemporâneos a progressiva revelação da razão, o *welgeist*. De posse desses postulados, não tardou para que Droysen visse em Alexandre uma extraordinária personagem do passado, capaz de captar os anseios dos macedônios, desvelar e cumprir a *welgeist*, construindo o império mais exuberante jamais visto (KNIPFING, 1921: 658-9).

Munido tanto de suas certezas políticas quando da eficácia do método filosófico hegeliano, Droysen elegeu o agente catalisador do *welgeist* em seu tempo; a Prússia,

que seria responsável por unificar e capitanear os germânicos rumo ao inexorável destino de legisladores da era moderna. Imbuído do desejo de saber sobre o futuro, Droysen indagava o passado. A biblioteca da Universidade de Berlim foi seu Oráculo. Alexandre, seu sacerdote. A História da Macedônia serviria como um campo empírico para ensinar aos prussianos como combater, como vencer, como imperar.

O nascimento do helenismo: a reconciliação do Ocidente e do Oriente sob a cultura grega nos escritos de Droysen

Já nas primeiras linhas de sua História de Alexandre, Droysen expõe de maneira cartesiana toda a influência que sofreu do pensamento filosófico de Hegel. Sustenta o classista que "(...) a história só confere imortalidade àqueles que ela escolhe para fazer deles os pioneiros de suas vitórias e os artesãos de seu pensamento. Ela lhes permite brilhar, como astros solitários, no crepúsculo do eterno devir" (2010: 35). O supremo devir dos tempos em que Droysen escreveu era a unificação dos estados alemães. Já devir dos tempos de Alexandre - não por acaso - era outra unificação. Caberia a alguma personagem formidável a promoção da concórdia entre os aqueles do Oriente e do Ocidente, condenados desde o raiar dos dias a uma disputa inclemente.

Tanto no Mundo Antigo como no moderno, tanto na Macedônia como na Prússia, urgia o aparecimento de uma personagem que cumprisse o devir de seu tempo. E, certamente não por acaso, este devir era o mesmo: promover a reunião de povos apartados que, embora hostis uns aos outros, aspiravam à união. Contudo, se só depois de muito tempo a Prússia iria desvelar esse processo, no Mundo Antigo o responsável já era reputado. Tratava-se de Alexandre, aquele que ao obliterar de uma vez por todas a realeza persa, promoveu a união dos povos do mundo. Aquele que fazia do instrumento de sua majestade uma cultura nova, comandada pelo racionalismo e a autonomia gregos. Eis o helenismo, anunciado pela poética escrita de Droysen:

> Os dois séculos da luta encarniçada que os helenos travaram contra os persas – o primeiro grande conflito entre Oriente e Ocidente que a história nos legou – Alexandre, os encerrou ao aniquilar o império dos persas, ao conquistar todo o território situado entre o deserto africano e a Índia, ao afirmar a supremacia da civilização grega sobre a cultura declinante dos povos asiáticos. Enfim, ao gerar o helenismo. Seu nome assinala o fim de uma época e o começo de uma nova (2010: 37).

Ao estilo aristotélico, Droysen acreditava que os asiáticos nada mais eram que hordas errantes, cuja supersticiosa crença na dualidade Ahura Madza/Arimã as tornava criaturas obtusas e hediondas (2010: 36). Já os gregos vinham de um continente europeu "harmoniosamente constituído", dotado de um "desenvolvimento espiritual mais rico e mais rápido" (2010: 38).

Como, então, unir povos tão diametralmente opostos? Isto só seria alcançado quando os gregos espalhassem suas práticas culturais sobre as planícies asiáticas, concebendo "um império oriental e ocidental de civilização helênica" (2010: 280). Surge o maior mérito de Alexandre: fazer triunfar a civilização helênica, que, com sua pujança cultural, seria mais decisiva do que as armas da Macedônia na utopia do Império universal: "O que triunfou sobre o Oriente, em última instância, não foram os gregos, mas a *civilização helênica* (...). Os elementos dessa civilização (...) eram o racionalismo e a autonomia democrática (DROYSEN, 2010: 330-1. Grifos no original)".

Diante disso, pode-se afirmar que o helenismo de Droysen é uma cultura nova, a cultura do império de Alexandre, responsável por disseminar o racionalismo e a democracia da Grécia, adaptando-os à realidade oriental. Não se tratava de considerar que o helenismo se valeria em igual medida da cultura grega e da oriental. Ele, afinal, fora assentado na alma grega, em seu espírito racional e em seu intelecto superior. A Ásia, por ser turno, contribuiria apenas como uma besta de carga, cuja função mais louvável seria carregar os ditames helênicos a todos os grotões do Império de Alexandre.

Um exemplo bastante profícuo deste processo se daria no exército, principal baluarte da cultura grega no entendimento de Droysen (2010: 343). Ao entrarem em contato com a sobriedade e a inabalável moral dos batalhões de Alexandre, os asiáticos passariam a incorporar os hábitos que regiam a vida grega nos campos de batalha. Ao tomarem ciência do quanto tais costumes eram salutares, passariam de bom grado a adotá-los, fazendo do exército uma grande ferramenta para a helenização:

> Nada podia contribuir tanto para a helenização dos povos quanto habituar a juventude persa aos regulamentos militares macedônicos, acolhê-los em pé de igualdade no seio do exército imperial e insuflar-lhe um espírito militar que desempenhava nele o papel do espírito nacional, de modo que o império unificado engendrasse um novo patriotismo (DROYSEN, 2010: 448-9).

Aqui está mais uma vez exposto como a formação do helenismo se dá nas páginas de Droysen: a Grécia contribui com seu gênio e racionalismo. A Ásia apenas fornece soldados, atacantes anônimos cuja missão era difundir o helenismo que haviam aprendido convivendo com os soldados macedônios. Após se helenizarem, os combatentes asiáticos passariam a agentes helenizadores, fazendo os imperativos gregos correrem por toda a extensão do Império. Afinal, a missão ingente do helenismo era, em mais uma assertiva voraz:

> Esclarecer esses povos, ajudá-los a quebrar as cadeias da superstição, despertar neles o desejo da inteligência, habituá-los ao manejo das ideais, em suma, emancipá-los e conferir-lhes uma identidade histórica – tal é tarefa que o helenismo determinou para si na Ásia e, aliás, terminou por cumprir (...) (DROYSEN, 2010: 481).

Neste ponto da demonstração, parece ser plausível identificar uma tríplice definição do termo helenismo esboçada nas páginas de Droysen: ele corresponde a uma nova cultura, nascida da influência que as práticas helênicas e asiáticas exerceram uma sobre a outra, num interpretação bastante influenciada pelo pensamento de Hegel. Esta nova cultura foi também foi responsável por ilustrar os orientais, resgatando-os do pantanal de obscurantismo no qual se afogavam. A partir destas duas conotações, temos a terceira: o helenismo é a reunião de gregos e asiáticos sob a cultura da Hélade, na auspiciosa utopia do Império de Alexandre. De qualquer modo, essas três acepções de helenismo aparecem imbricadas com analogias entre o Mundo Antigo e Prússia, de forma tal que Bosworth (2006: 5) alega que Droysen via nos princípios políticos helenísticos, responsáveis primeiro por conquistar e depois civilizar o mundo, uma inspiração que deveria ser repetida por seus contemporâneos.

Contudo, seria uma simplificação vulgar e grosseira apenas enunciar as tão faladas analogias, sem apresentar exemplos concretos. Um primeiro ponto de contato entre o presente do prussiano e o passado grego, no entender de Droysen, é o fato de tanto a Hélade quanto a Alemanha estarem com suas forças vitais exauridas por toda a sorte de escaramuças que se davam em seus territórios. Se o Sacro-Império Romano Germânico havia sido desmantelado pelas campanhas napoleônicas, os 39 estados da Confederação Germânica mantinham vivos o desejo da unificação, além continuarem a ser berço de uma cultura viva e exuberante. De forma semelhante, Droysen enxerga a

situação da Grécia antes do advento de Filipe II: "fragmentada até então em uma infinidade de Estados, esgotada por incessantes rivalidades internas, mas dotada de energias transbordantes que continham, além da mobilidade, todas as virtudes requeridas para insuflar vida nova às massas inertes da Ásia" (2010: 50).

O que, então, fez o caolho Filipe para reunir todas as províncias gregas sob o estandarte da Macedônia? Fez uso de uma agenda belicista, instituiu o serviço militar obrigatório, reorganizou as tropas, incutiu-lhes disciplina inquebrantável (2010: 65). Se em 1848, Droysen bradaria no parlamento de Frankfurt que a Unificação germânica era uma "questão de poder", suas páginas escritas uma década e meia antes aparecem impregnadas de um ideário semelhante. Se na aristocrática assembleia o helenista deixava nítido que a Áustria não possuía força suficiente para reunir os estados alemães, nas páginas de sua biografia de Alexandre a mesma impressão aparece a respeito de Atenas. Tomada por demagogos prolixos, naquela *polis* "muito se falava e pouco se fazia" (2010: 85).

A unificação das cidades gregas fora feita pelas armas da Macedônia, e não pela fala mansa dos oradores atenienses. A unificação da Alemanha haveria de ser feita pelos poderes da Prússia, e não pela esquálida diplomacia austríaca. Uma vez concluída, os germânicos rapidamente chegariam ao posto que lhes era de direito: o topo do mundo, de onde emanariam sua resplandecente cultura, de modo análogo ao que se passou com o helenismo difundido por Alexandre e seus sucessores

As críticas de Momigliano ao helenismo de Droysen

Para citar umas das críticas feitas à obra de Droysen, aqui serão abordados os pareceres dado por outro senão Arnaldo Momigliano (1908-1989). Momigliano encontrava uma ambiguidade no helenismo de Droysen, da qual nem o próprio prussiano estaria ciente: por lado, o italiano vi o termo helenismo como alusão ao recorte temporal que ia de 323 a.C. a 30 a.C., da morte de Alexandre à de Cleópatra. Helenismo, novamente segundo Momigliano, também aparece imbricado com uma ideia de um sistema político em que as populações autóctones eram governadas por uma elite greco-macedônia de desejos muitas vezes helenizantes, que tiveram como principal alvo – e aqui não é de se estranhar em vistas ao *background* do Momigliano – os judeus à época de Antíoco IV. As maiores discordâncias que Momigliano nutria em relação a

Droysen, contudo, dizem respeito à decisão de o prussiano pouco escrever sobre a importância dos judeus para a fundação cultural da civilização helenística. A explicação para isto, em Momigliano, residia em dois pontos: a profunda ignorância da qual padecia o germânico a respeito da tradição literária judaica – e com o qual o italiano se mostrava indignado (1994: 154) e as profundas ambiguidades que Droysen nutria em relação àqueles que professavam a fé semita.

Momigliano certificava que Droysen pertencia a um círculo intelectual constituído por diversos judeus convertidos ao protestantismo, entre os quais se encontrava até Marie Mendelheim, sua primeira esposa, de maneira que se formou uma espécie de norma social que estabelecia o silêncio em relações às origens judaicas e o passado (1994, p. 156-7). Por fim, Momigliano também se exaltava com a intervenção das convicções políticas de Droysen em sua obra, ainda mais pelo fato de ele ter abandando por completo o estudo do Mundo Antigo em favor da História Moderna, em particular da Prússia, a partir de 1840.

Considerações finais

A análise dos trabalhos de Johann Gustav Droysen aqui empregada tentou, a um só tempo, tanto esmiuçar seus pensamentos a respeito do período helenístico como compreender de que forma suas convicções políticas podem ter influído em suas alocuções sobre a Antiguidade. Destarte, as definições de helenismo esboçadas por Droysen referem-se tanto a uma cultura nova nascida do contato entre helenos e asiáticos que, também, foi responsável por resgatar os autóctones de seu estado de ignorância e, por fim, colocá-los no seio da monarquia universal de Alexandre.

Hegel, que tanto influenciou o jovem Droysen, dizia que "nada de grande se realizou no mundo sem paixão". E paixão é o que não falta nas linhas redigidas pelo prussiano. A cada passo dado por Alexandre, a cada triunfo por ele obtido no campo de batalha, a cada cidade por ele fundada, as páginas parecem queimar, tão ardente era paixão que Droysen nutria pelo conquistador. Se é possível e necessário que seus escritos sejam criticados, penso que o furor apaixonado com o qual Droysen escrevia deva ser mais do que exaltado: deve servir como inspiração a todos aqueles que fazem da História sua profissão de fé.

Referências bibliográficas

AMORÓS, P. "La fuerza progresiva del cristianismo y la unidad de la nación alemana en la *Histórica* de J. G. Droysen: la tradición histórica alemana, *Panta Rei*, 1998-2000.

BOSWORTH, A. "Alexander the Great and the creating of the Hellenistic age". In: BUGH, G. (ed.) *The Cambridge companion to the Hellenistic world.* Cambridge University Press, pp 9-27, 2006.

CALDAS, P, SANT'ANNA, H.. "Fixar a onda de luz: a transição das épocas históricas no conceito de helenismo em Johann Gustav Droysen". *História da Historiografia,* Ouro Preto, v. 01, pp. 88-101, 2008.

DROYSEN, J. *Alexandre: o grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HAMMOND, M. "Ancient Imperialism: Contemporary Justifications" in *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 58-59, pp. 105-161., 1948.

KNIPFING, J. Historians and Macedonian Imperialism. *The American Historical Review,* Vol. 26, No. 4, 1921.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. "A História Antiga e o Ensino Superior". Paper inédito apresentado no Fórum "Antiguidade Greco-Romana e Ensino Superior: instrumentos e perspectivas", UNICAMP, 2013 (versão provisória, utilizado com o aval do autor).

MOMIGLIANO, A. "J. G. Droysen between Greeks and Jews" in BOWERSOCK, G. W., CORNELL, T. (orgs) *A. D. Momigliano: studies on modern scholarship*. Berkeley: University. of California, pp. 147-161, 1994.

MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

MOMIGLIANO, A. "The Fault of Greeks". *Daedalus*, Harvard University, 1975.

SOUTHARD, R. *Droysen and the Prussian School of History*. Kentucky University Press, 1994.